

## o “testamento anarquista” de john cage

pietro ferrua\*

No meu artigo anterior sobre o grande compositor americano<sup>1</sup> contei alguns encontros que tive com ele no Brasil: em casa da insigne compositora brasileira Jocy de Oliveira e do Maestro Eleazar de Carvalho no Leblon (junto com Arnaldo e Nora Sant’ Anna de Moura), no Teatro Carioca da rua Senador Vergueiro (onde ele se entretteve com Ideal Peres, Jacques Kalbourian e Rosa de Freire Aguiar, entre outros), no espetáculo de dança do Merce Cunningham (onde eu fui com Gizela e Lícia Valladares), etc...

Nessas circunstâncias encontramos outros artistas e intelectuais (limito-me a citar um dos mais entusiasmados admiradores dele, de quem eu me lembro, o amigo e professor Antonio Maria de Miranda Netto) estarecidos em descobrir que o Cage tinha simpatias anarquistas. Eu mesmo ficara agradavelmente surpreendido com as numerosas e pormenorizadas perguntas que ele me fizera sobre as minhas vicissitudes anarquistas, e, so-

\* Professor emérito do Lewis Clark College, em Portland, fundador do CIRA (Centre International de Recherche sur l’Anarchisme), viveu no Brasil de 1963 a 1969.

bretudo, em relação ao Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo, que eu tinha fundado em Genebra uns anos antes.

Quando chegou a hora da despedida, comuniquei-lhe a grande alegria que tinha inspirado sua visita ao Brasil e sua colaboração conosco e perguntei-lhe porque ele não escrevia alguma coisa sobre anarquismo que pudéssemos divulgar como “propaganda”. Respondeu-me que se lêssemos atentamente seus escritos encontraríamos muitas referências às crenças anarquistas dele. Acrescentou que se assim não tivesse sido ele não teria aceito levemente um convite para tratar do assunto em público em plena ditadura militar. Insisti que uma obra dedicada inteiramente ao assunto aumentaria as chances de realizar o projeto social que compartilhávamos. Sorriu, pensou um pouco e acabou dizendo que talvez eu tivesse razão, que ia pensar nisso. E a coisa ficou aí.

Quando faleceu e escrevi sobre ele não mencionei a “meia promessa” feita. Mal sabia eu que ele mantivera o empenho deixando o manuscrito de *Anarchy*. Permanece o mistério de descobrir porque esse texto traz a data de 1988 e só apareceu em 2001.

Em vez de um tratado sobre sua concepção do anarquismo, o compositor criou uma obra poética, baseada na estrutura do “mesóstico” (por ele já praticada anteriormente), mas contendo várias inovações, todas tendentes a envolver a participação do leitor. Uma crítica reproduzida na capa, confirma tudo quanto Cage me declarou na despedida de 1968 no Rio de Janeiro; “Apesar de trazer para sua poesia e outros escritos sua profunda, duradoura preocupação com as sociedades e com os modos de transformá-las para

O “testamento anarquista” de John Cage

melhor, as formas com as quais o fez enquanto escrevia *Anarchy* (...) são especialmente brilhantes e esteticamente instigantes.”<sup>2</sup>

Para conceber esta pérola, Cage adotou uma linguagem revolucionária baseada na “aleatoriedade” (*un coup de dés n’abolira jamais le hasard*<sup>3</sup>, como dizia o Mallarmé?). Ele renunciou, porém, ao lance dos dados e das moedinhas em favor de um programa informático.

O texto (de uma palestra?) se compõe de vinte poemas nos quais aparecem as idéias de Kropotkin (que abre a série), Emma Goldman, Thoreau, J.J. Martin, Bakunin, Malatesta<sup>4</sup>, ou de para-anarquistas (muito citados já na palestra do Teatro Carioca) como Buckminster Fuller e Marshall McLuhan.

O primeiro poema (este e o seguinte não tem títulos, mas apenas um número progressivo) é dedicado a Pietr Kropotkin. Além da forma do mesóstico também adota o princípio do velho pergaminho do qual algumas letras desapareceram no decorrer dos anos e que o leitor deve reconstituir, como num palimpsesto.

Enquanto o primeiro poema é contido em quinze versos, o segundo ocupa quase oito páginas. O autor traça uma comparação entre problemas sociais e musicais. A seu ver, a introdução da noção de silêncio na música foi tão necessária para a evolução desta arte como o conceito de anarquia o é para encontrar uma solução aos problemas dos governos. A dinâmica do poema é inspirada por uma palestra de Emma Goldman.

No terceiro, estuda-se a função do anarquista como facilitador dos processos numa sociedade onde os serviços públicos são a base do convívio social.

O quarto é um grito de liberdade contra qualquer coação que impeça o ser humano de se desenvolver. Con-

dena a política imperialista do governo americano pedindo que saia da América Central e do Oriente Médio.

Mais engajado ainda é o poema 5, no qual Cage denuncia o método “hipnótico” dos governos para perpetuarem a própria autoridade. O poeta acha que chegou a hora para toda gente tomar consciência do fato que os governos não só não são necessários, mas são instituições imorais nas quais pessoas de respeito não deveriam tomar parte. O poema não faz senão bordar sobre uma citação de Mikhail Bakunin da qual Cage compartilha e assume as idéias.

O número 6 é uma consideração sintética sobre a natureza e a mente humana. O poeta deseja que o projeto individual mude radicalmente e torne-se projeto global para a sociedade de todos.

O número 7 indica o lugar do indivíduo na sociedade e o papel que ele pode desenvolver num contexto no qual o anarquismo pode funcionar. O número 8 é dedicado a um anarquista pouco conhecido fora dos Estados Unidos (bem como na França, onde nasceu), Hippolyte Havel, que desenvolveu, porém, um papel importante no movimento anarquista norte-americano no princípio do século XX e ao redor de Emma Goldman. A bibliografia dele, ou sobre ele, sendo muito reduzida, constitui uma prova a mais de que a cultura anarquista de Cage não era nem superficial, nem aproximativa. Cage não é a caricatura do intelectual descomprometido com a realidade que o rodeia e fechado na torre de marfim, mas um artista e pensador engajado no movimento, com uma visão diacrônica e sincrônica das problemáticas do anarquismo.

O seguinte, lida com Tolstoi, uma referência rara nos meios anarquistas, geralmente ateus, que quase sempre se afastaram dele por causa de sua religiosidade. John

Cage nem levanta o problema do cristianismo tolstoiano e limita-se a render ao pensador russo uma breve homenagem.

O posterior é um brado de luta (poema 10) contra as multinacionais que se apoderaram das riquezas sociais às custas das multidões e das quais temos que nos desfazer se não quisermos que a humanidade acabe. O nº 11 amplia o discurso anti-capitalista. As políticas econômicas mundiais deveriam ser regidas pela inteligência cooperativa e não pela inteligência concorrencial. Confirma sua própria fé na tecnologia.

O nº 12 é uma reminiscência de seu próprio livro, *A Year from Monday*<sup>5</sup>. Na sequência, um poema em homenagem a Buckminster Fuller, um pensador pouco discutido nos ambientes anarquistas, mas em quem Cage tinha muita fé como construtor de modelos de vida social viáveis, harmônicos, libertários. Conceitos que ele já tinha expressado na palestra de 1968 no Teatro Carioca.

No seguinte (poema 14), o autor nos surpreende com uma apologia do insurrecionismo revolucionário no qual o revoltado pode perder a vida a qualquer momento. Talvez para apaziguar o leitor chocado pelo anterior, o poema 15 volta à indagação intelectual nos mistérios da realidade.

O poema 16, em complemento ao anterior, é uma indicação de que a numeração progressiva não deve absolutamente ser tomada em consideração no sentido de uma evolução do pensamento do autor ou de um desenvolvimento sistemático de uma idéia. A estrutura do livro é paralela à estrutura de cada poema: não é a lógica que determina, mas o acaso, não é a ordem que predomina, mas a aleatoriedade. O leitor, porém, querendo, pode mudar a ordem da sucessão dos poemas e

colocá-los numa perspectiva diferente, ditada pelas suas escolhas éticas, estéticas ou simplesmente na base de um método de sistematização próprio. A lição do poema é que as sementes plantadas pelos anarquistas no começo do século passado podem ainda frutificar intelectualmente.

O nº 17 é dedicado a Henry David Thoreau, o propoente da desobediência civil (que tantos seguidores teve na América dos últimos cinqüenta anos) do qual o poeta foi sempre um grande admirador pelas suas andanças nos bosques e suas crenças ecológicas.

O seguinte (18) é uma lembrança de Bakunin que plantou a semente da nova sociedade. A tarefa do revolucionário é explicitada no poema 19: transformar a si mesmo, viver como homem livre e ganhar a luta para estabelecer a nova sociedade.

O poema final é inspirado, mais uma vez, por Buckminster Fuller, que sempre foi o modelo para Cage conceber a organização de uma sociedade ecológica e livre.

Essa primeira, rápida e simplificadora excursão nos meandros de *Anarchy* de John Cage é provisoriamente suficiente para poder declarar que se trata de um grande livro que resume não só uma vida, mas também um século de pensamento anarquista. Não confundamos os ensaios influentes escritos por anarquistas do século vinte (como *Nacionalismo e Cultura* de Rudolf Rocker, admirado até por Albert Einstein e Sir Bertrand Russell), com as sínteses artísticas, como *O Castelo* e *O Processo* de Franz Kafka (as atividades dele como militante nos grupos anarquistas e anarco-sindicalistas de Praga ficaram esquecidas, mas a obra literária dele tornou-se imortal). Cage nunca foi uma figura política dentro do movimento anarquista americano, mas quem pode jul-

gar se um economista é mais importante do que um músico, ou um sociólogo mais importante do que um pintor? A história nos indica que, às vezes, os artistas são mais coerentes (por serem mais sensíveis?) do que os militantes propagandistas. Temos o exemplo de Paul Signac, militante anarquista e pintor neo-impressionista, que não perdeu a cabeça durante a Primeira Guerra Mundial e se considerou “traído” pelo bem mais politizado militante Jean Grave que, junto à Kropotkin e vários outros intelectuais anarquistas, aderiu ao conflito em oposição à Alemanha.

Falei de testamento em relação ao John Cage e acho que com alguma razão, pois este livro resume o sentido de uma vida. Trata-se de um depoimento artístico de grande alcance e, espero eu, de importantes conseqüências, pois vai atrair ao anarquismo muitas simpatias no campo musical e poético.

O pensamento anarquista de Cage não é necessariamente original. Mas poder-se-ia dizer o mesmo do pensamento de um dos grandes filósofos da Renascença francesa, Michel de Montaigne, que costumava dizer mais ou menos “Je prends mon bien là où je le trouve”<sup>6</sup>. John Cage faz a mesma coisa, ele toma emprestado conceitos e citações de pensadores anarquistas e os faz seus, no sentido de englobá-los na própria obra e no próprio pensamento. Quem lê os poemas sem ler o prefácio pode pensar que as frases mais contundentes e provocatórias são de autoria dele. De fato são “suas” no sentido de Montaigne, pois foi Cage que as leu, as privilegiou, as isolou das outras e do contexto e fez a (tão criticada!) colcha de retalhos. Assim, pouco importa saber se uma verdade que nos seduz é da autoria de, digamos, Buckminster Fuller ou de John Cage. Pelo fato mesmo de tê-la escolhida e citada, ele a consagrou como mensagem válida para ele.

A cultura anarquista de Cage, aliás, não é superficial. Por exemplo, ele não leu só, digamos, Emma Goldman, mas também quem escreveu sobre ela, como, por exemplo, Drinnon e Havel, biógrafos e exegetas dessa militante lituano-americana. Basta ler o prefácio para aprender como ele seguiu pistas, pesquisou, escutou, leu.

A originalidade reside mais na elaboração, na construção, no jogo (o aspecto lúdico dele já estava presente em todas suas obras anteriores, poéticas bem como musicais). Este livro é complexo mais do que complicado, pois a chave ele mesmo dá quando se lê a introdução, que contém instruções pormenorizadas para a correta interpretação. Porém, esmiuçar os detalhes não acrescenta muito à fruição dos poemas. Mallarmé já nos ensinara que a banalização literal rouba metade do prazer. O livro parece até um bocadinho requintado para os concretistas brasileiros que saberão transcriá-lo, como fizeram com Pound, Joyce e outros grandes.

Eu, por mim, estou satisfeito assim: obrigado, John Cage, promessa e missão cumprida.

## Notas

<sup>1</sup> “John Cage, anarquista fichado no Brasil” in *Verve*. São Paulo, Nu-Sol/PEPG-Ciências Sociais PUC-SP, nº 4, 2003, pp. 20-31.

<sup>2</sup> “Although he often brought into his poetry and other writings his deep, lifelong concern with the world’s societies and with ways to change them for the better, the ways in which he did this while composing *Anarchy* ...are especially brilliant and aesthetically compelling.” Quarta página da capa do livro *Anarchy* de John Cage (Middleton, Connecticut, Wesleyan University Press, 2001) assinada por Jackson Mac Low.

<sup>3</sup> “um lance de dados jamais abolirá o acaso”, na tradução de Haroldo de Campos (Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. *Mallarmé*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991) (N. do E.).

<sup>4</sup> Curiosamente, o nome atribuído a Malatesta está errado: Mario em vez de Errico.

O “testamento anarquista” de John Cage

<sup>5</sup> Há uma tradução disponível em português: *De segunda a um ano*. São Paulo, Hucitec, 1988. Tradução de José Paulo Paes e revisão técnica de Augusto de Campos (N. do E.).

<sup>6</sup> “Eu tomo meu bem lá onde o encontro” (N. do E.).

#### RESUMO

*No presente artigo, o autor analisa a prática libertária de John Cage a partir de seu livro póstumo Anarchy. Ao apontar os autores e referências utilizados por Cage, Ferrua apresenta uma leitura do percurso do músico-poeta por uma forma única de pensar e viver a liberdade.*

*Palavras-chave: anarquismo, John Cage, poesia.*

#### ABSTRACT

*In this article, the author analyzes the libertarian practice of John Cage, based on his post-mortem book Anarchy. Ferrua presents, by pointing out references and authors used by Cage, an overview of the trajectory of the musician and poet through a unique way of thinking and living freedom.*

*Keywords: anarchism, John Cage, poetry.*

*Recebido para publicação em 20 de janeiro de 2004.*